

Memórias de ex-alunos(as) do *Internato da Escola Normal Evangélica em São Leopoldo/RS* (1950-1966)¹

*Estela Denise Schütz Brito*²

*Luciane Sgarbi S. Grazziotin*³

47

Resumo

A partir da narrativa de memória de seis ex-alunos(as), o estudo investiga as práticas cotidianas de um internato evangélico e analisa seus elementos da cultura escolar, entre os anos de 1950 e 1966. Tem como objeto de estudo a Escola Normal Evangélica (ENE), que localizava-se na cidade de São Leopoldo/RS. Para isso, utilizou-se da metodologia da História

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior —Brasil (CAPES), Código de Financiamento 001—.

² Doutoranda, com bolsa Capes/Proex, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Mestre em Educação e licenciada em Pedagogia pela mesma Universidade. Professora da educação básica na rede privada de educação da cidade de São Leopoldo/RS. Membro do Grupo de Pesquisa EBRAMIC (Educação no Brasil, Memórias, Instituições e Cultura Escolar). Contato: [schutzbrito@gmail.com].

Oral, a partir dos estudos de Paul Thompson (1992), Marieta de Moraes Ferreira, Janaína Amado (1998) e Ecléa Bosi (1987), que entendem a memória como documento. As narrativas foram analisadas com base nos estudos Maurice Halbwachs (2003), Roger Chartier (1987, 1991, 2011) e Michel de Certeau (2014). Foi possível compreender que as representações dos entrevistados recompõem o tempo e o espaço do Internato a partir de práticas que envolviam a mente, o corpo, a arte e a fé. Tais representações abarcam, assim, a cultura escolar gerada nessa instituição de ensino dentro do período estudado.

Palavras-chave

História da educação, história oral, cultura escolar, práticas cotidianas.

³ Possui Pós-doutorado na Universidade Nacional de Educação a Distância, em Madri, doutorado em Educação, ênfase em História da Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2008). Fez doutorado sanduíche na Universidade Clássica de Lisboa (2007). Fez Mestrado em Ciências na Universidade Federal de Pelotas (1991). Líder do Grupo de pesquisa EBRAMIC —Educação no Brasil: memória, instituições e cultura escolar (CNPq)—. É professora e pesquisadora na graduação e no Programa de Pós-Graduação em Educação da Escola de Humanidades da Universidade do Vale do Rio dos Sinos/UNISINOS. Possui bolsa Produtividade-CNPq. Contato: [lsgarbi@unisinos.br].

Abstract

From the narrative of memories of six former students, this paper investigates the daily practices of an evangelical boarding school and analyses its school culture elements, between the years of 1950 and 1966. It has as study object the Escola Normal Evangélica (ENE), which was located in the city of São Leopoldo/RS. To this end, it used the methodology of Oral History, from the studies of Paul Thompson (1992), Marieta de Moraes Ferreira and Janaína Amado (1998) and Ecléa Bosi (1987), which understands memory as a document. The analysis of the narratives was based on the studies of Maurice Halbwachs (2003), Roger Chartier (1987, 1991, 2011), and Michel de Certeau (2014). It was possible to understand that the representations of the interviewees reconstitute the time and the space of the boarding school from practices that involved mind, body, art, and faith. Such representations include, thus, the school culture generated in this educational institution during the studied period.

Keywords

History of education, oral history, school culture, daily practices.

Resumen

A partir del relato de la memoria de seis exalumnos, el estudio indaga en las prácticas cotidianas de un internado

evangélico y analiza sus elementos de la cultura escolar, entre los años 1950 y 1966. Su objeto de estudio es la *Escola Normal Evangélica* (ENE), que fue ubicada en la ciudad de São Leopoldo/RS. Para ello, se utilizó la metodología de la Historia Oral, a partir de los estudios de Paul Thompson (1992), Marieta de Moraes Ferreira, Janaína Amado (1998) y Ecléa Bosi (1987), quienes entienden la memoria como documento. Las narrativas fueron analizadas a partir de los estudios de Maurice Halbwachs (2003), Roger Chartier (1987, 1991, 2011) y Michel de Certeau (2014). Fue posible comprender que las representaciones de los entrevistados recomponen el tiempo y el espacio del internado a partir de prácticas que involucran la mente, el cuerpo, el arte y la fe. Así, tales representaciones engloban la cultura escolar generada en esta institución educativa en el período estudiado.

Palabras clave

Historia de la educación, historia oral, cultura escolar, prácticas Cotidianas.

Notas introdutórias

O artigo que aqui se apresenta é um recorte selecionado a partir de uma pesquisa mais ampla. Construiu-se por meio de narrativas de memórias de ex-alunos(as) que estudaram em regime de internato na Escola Normal Evangélica (ENE), localizada no

município de São Leopoldo/RS, entre os anos de 1950 e 1966⁴. O tema central que envolve esta investigação é a análise das práticas produzidas na ENE, bem como a identificação de determinada cultura escolar desenvolvida nessa instituição de ensino, no contexto da temporalidade elencada.

O recorte temporal escolhido, justifica-se porque, no ano de 1950, a instituição reiniciou suas atividades na cidade de São Leopoldo/RS, passando a ser reconhecida sob o nome de Escola Normal Evangélica, permanecendo nesse local até o ano de 1966, quando ocorreu sua transferência para a cidade de Ivoti/RS. Nesse sentido, a ênfase recai sobre o período em que a instituição funcionou em São Leopoldo/RS.

A presente pesquisa visa a contribuir para a historiografia da educação da cidade de São Leopoldo, como mais uma peça do mosaico histórico que passa a ser desenhado a partir de pesquisas anteriores sobre imigração no Vale dos Sinos, a exemplo daquelas realizadas por Martin Dreher (2015), Isabel Arendt (2008), Marcos Witt (2015), Lucio Kreutz (2004), entre outros. A continuidade desses estudos é concretizada por meio do projeto de pesquisa intitulado *Instituições escolares na Região Metropolitana de Porto Alegre e Vale dos Sinos: acervos, memórias e cultura escolar - sec.*

⁴ Para saber mais sobre o contexto referente a esse período e os desdobramentos da imigração alemã no período da pesquisa consultar: Tambara, E. C. (2016). “Cartografia da gênese e consolidação do modelo republicano-castilista de educação primária no Rio Grande do Sul”. Em Grazziotin, L. S. y Almeida, D. B. *Colégios elementares e grupos escolares no Rio Grande do Sul: memórias e cultura escolar, séculos XIX e XX*. São Leopoldo/RS:

XIX e XX, que tem como um dos seus focos a produção histórica das instituições de ensino da região do Vale dos Sinos. Vale destacar que a entidade pesquisada foi uma das primeiras instituições confessionais com internato a propor o sistema de coeducação aos alunos da comunidade que atendia, já nas primeiras décadas do século XX —algo que pode ser considerado raro, se analisarmos as Histórias das Instituições Educativas do Brasil e, especificamente, do Rio Grande do Sul nesse período—.

A história da ENE nos remete, temporalmente, ao fim do século XIX e ao início do século XX, quando imigrantes alemães, após chegarem ao Brasil, perceberam a ausência de escolas nas regiões nas quais se encontravam. Conforme Hoppen (s. f.), houve uma organização entre eles, entendendo que, para oferecerem aos seus filhos uma educação como recebiam na Alemanha, ofertada pela igreja ou pelo governo de forma gratuita, teriam de aqui criar e manter instituições que formassem professores teuto-brasileiros. Em 1909, iniciaram-se as atividades do Seminário Evangélico de Formação de Professores Alemães junto aos asilos Pella e Bethânia⁵, na cidade de Taquari/RS. Foi esse seminário que, com o passar dos anos e após a transferência de cidade, mudou seu nome, no ano de 1950, para Escola Normal Evangélica.

Oikos. E Dreher, M. (2015). *190 Anos de Imigração Alemã no Rio Grande do Sul: esquecimentos e lembranças*. São Leopoldo/RS: Oikos.

⁵ Fundado em 1890, a *Associação Beneficente Pella Bethânia*, localizada na cidade de Taquari/RS, presta assistência a crianças órfãs, pessoas idosas, portadoras de deficiência mental e com epilepsia.

Consideramos que a instituição aqui apresentada como objeto da pesquisa deu origem a outra que continua a escrever sua história atualmente. Sendo assim, a Escola Normal Evangélica já não mais existe no espaço e no tempo, a não ser nas memórias daqueles que a conheceram e vivenciaram seu ambiente em tempos pretéritos. Essa é uma das justificativas para a escolha da metodologia que utilizamos nesta investigação, a História Oral.

A opção metodológica não tem a pretensão de encontrar respostas absolutas e/ou únicas para os questionamentos referentes à vida dos alunos nesse espaço do internato evangélico luterano em São Leopoldo, mas busca dar a ver as representações construídas pelos alunos que nela viveram um cotidiano escolar, bem como construir, por meio das memórias de cada um, uma verdade possível que nos permita entender determinados aspectos do processo de educação produzido na lógica da colonização alemã.

Trabalhar esse objeto de estudo por meio da História Oral faz sentido, levando em conta os objetivos que determinamos, uma vez que «[...] a História Oral é capaz apenas de *suscitar*, jamais de *solucionar* questões; formula as perguntas, porém não oferece as respostas» (Amado y Ferreira, 1998: xvi).

Além das memórias individuais, analisadas coletivamente, também nos valem de documentos iconográficos e livros memorialísticos dessa instituição. As entrevistas foram realizadas entre os anos de 2016 e 2017, com seis ex-alunos(as) que estudaram em regime de internato, sendo quatro homens e duas mulheres. Após realizar as devidas transcrições, as narrativas orais se transformaram em documento escrito, contendo um total de 131

páginas, possibilitando-nos a organização de algumas categorias de análise que emergiram após a leitura e o olhar minucioso sobre cada uma delas. As práticas cotidianas e a cultura escolar produzidas na ENE configuraram-se em uma dessas categorias e são apresentadas no decorrer do presente estudo.

Repertório teórico e caminhos percorridos na pesquisa

Para a realização deste estudo, organizamos documentos e narrativas pessoais sobre a ENE e escolhemos, assim, a metodologia da História Oral por ser «[...] um dos meios que promovem aproximações entre a História e a memória», de modo que «[...] possibilita certo afastamento da documentação de caráter oficial das instituições educativas, que muitas vezes não traduzem as experiências vividas no contexto escolar» (Grazziotin y Almeida, 2012: 36).

As memórias narradas para este trabalho não foram operadas como sendo únicas e verdadeiras desse tempo de internato, por entendermos que documentos oficiais ou memórias orais produzem regimes de verdade, conceito entendido a partir de Foucault, que afirma:

A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua «política geral» de verdade, isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as

instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros (1979: 12).

Deste mundo, olhados neste tempo, são os documentos oficiais e as memórias orais. Ambos, mesmo que tragam a dimensão passada, são analisados e interpretados com os códigos de hoje. Organizar e decifrar os documentos é sempre um desafio e é sempre uma construção histórica a partir de um ponto de vista. Além disso, conforme aponta Amado (1995), a memória é subjetiva; as narrativas de memórias possuem certa dose de criação, imaginação e ficção; mas, como afirma Bosi (1987: 1), «[...] com certeza seus erros e lapsos são menos graves em suas consequências que as omissões da História oficial» (1987: 1).

Por se tratar de uma escrita histórica que, nesse caso, visibiliza a história daqueles que, até então, não tiveram oportunidade de fazer parte dela, parece-nos fazer sentido nomear seus atores. Os sujeitos desta investigação, participantes desta história são, em certa medida, *heróis locais* e seus nomes, salvo a não autorização, precisam estar registrados na história da educação de São Leopoldo.

Como forma de legitimar suas memórias, todos assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido sobre a divulgação de seu nome e de sua imagem. À exceção de um, aqui identificado como Magnus, todos os demais optaram pela divulgação de sua identidade na escrita do trabalho, autorizando tanto o uso de suas

narrativas enquanto documentos para análise, quanto o uso dos seus nomes verdadeiros e de suas imagens.

Esse aspecto é caro aos historiadores que trabalham com memórias, uma vez que eles são sujeitos da História. Não possuem o destaque dos grandes heróis, imortalizados em monumentos e/ou livros clássicos; mas, se esses têm seus nomes eternizados, por que não eternizar também os nomes daqueles que estudaram, moraram e, com suas memórias, ajudaram a construir a história da ENE? Nessa direção, Thompson afirma que

[...] a História Oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo [...] (1992: 44).

Compreendemos as memórias desses ex-alunos como representações desse espaço vivido na Escola Normal Evangélica. Assumimos esse documento memorialístico como representação do passado, pois, só assim, nos é permitido relativizar a verdade que por eles nos foram narradas. Para Chartier, as representações são «[...] esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado» (Chartier, 1987: 17). Aqui o pesquisador não está se referindo às representações mentais no sentido de cognição, mas de organizações a partir de apropriações singulares. Ou seja, as narrativas de memórias produzidas para este trabalho são representações dos sujeitos entrevistados desse tempo

e espaço do internato, que foram, ao longo dos anos, atravessadas por vivências posteriores, outras memórias, silenciamentos e esquecimentos.

Entendemos que as memórias não são a verdade desse passado vivido; contudo, por meio daquilo que se entende por apropriação, ou seja, a leitura e a interpretação que o indivíduo faz do seu meio e que possibilita sua ação sobre ele ou, em outras palavras, «[...] uma história social dos usos e das interpretações, referidas a suas determinações fundamentais e inscritas nas práticas específicas que as produzem» (Chartier, 1991: 180).

Apesar das suas limitações, distorções, lapsos e esquecimentos a que a memória está suscetível, vale destacar que a pesquisa, utilizando-a enquanto documento, é instigante e provoca no pesquisador os mais diversos sentimentos. É um trabalho de profunda cumplicidade que se torna motivador, tanto para quem se propõe a fazê-lo como para quem se habilita a dele participar. Estabelece diálogos entre sujeitos antes desconhecidos; cria laços e conexões entre um presente e um passado até então distante para quem o pesquisa.

Muitas são as possibilidades que as instituições de ensino oferecem para a pesquisa. O tempo e o espaço das escolas são ricos produtores daquilo que podemos chamar de *habitus*⁶, a partir do qual pessoas que vivenciam esses estabelecimentos, em regime de

internato ou não, se reconhecem pela sua formação (Escolano Benito, 2017). Esse *habitus*, que é internalizado pelos indivíduos e pela sociedade como um todo e que faz com que nos reconheçamos por meio de movimentos, desenvolvendo posturas e criando práticas que desencadeiam uma marca cultural, é provocado por meio do ambiente escolar que frequentamos enquanto alunos.

O conjunto dos processos, momentos, tempos e objetos utilizados e desenvolvidos pelas instituições educativas é o que podemos denominar como a cultura desses espaços (Viñao Frago, 1995). A partir da observação e análise de ritos, regras, currículo, vestimenta, práticas, bem como de objetos materiais —mobiliários, cadernos, livros didáticos, símbolos, objetos punitivos e de coação—, conseguimos caracterizar a produção da cultura escolar estabelecida nos espaços educativos em pesquisa.

No que tange a essa temática, o pesquisador Escolano Benito, acaba traçando caminhos parecidos aos de Viñao Frago, ao inferir que a cultura escolar é «[...] entendida como um conjunto de práticas e discursos que regularam ou regulam a vida das instituições de educação formal e a profissão docente» (2017: 119).

Acreditamos que, com o passar dos anos, muitos fragmentos, materiais e elementos que um dia constituíram a cultura escolar de determinada escola são esquecidos e se perdem, apagando, dessa maneira, as memórias de uma instituição escolar.

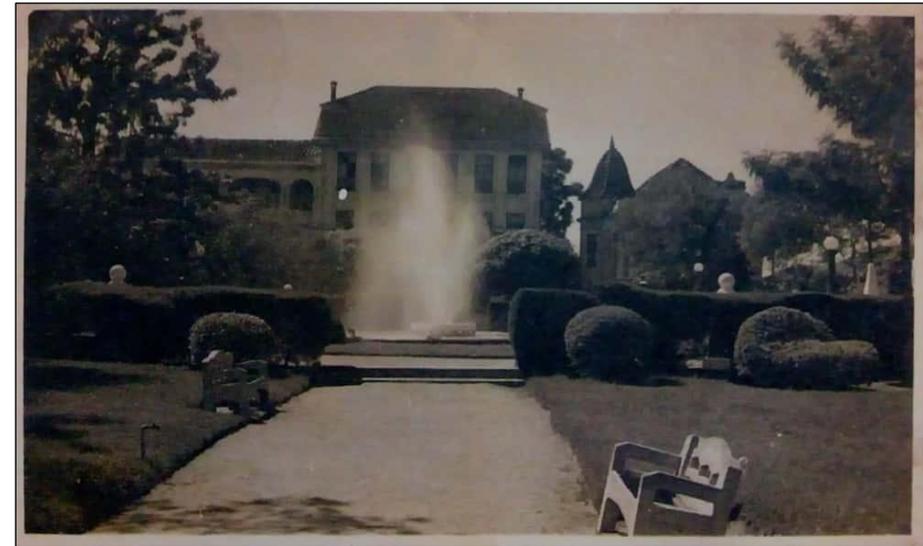
⁶ Entendido a partir de Norbert Elias (1994) como um conjunto das diferentes formas de pensar e agir que estruturam uma sociedade; algo produzido socialmente e individualmente.

Pensando nisso, procuramos, nesta pesquisa, evocar memórias daqueles que vivenciaram a cultura escolar na ENE em décadas passadas, problematizando sua história a partir da representação trazida em suas narrativas.

Mente e corpo, arte e fé: as práticas cotidianas na Escola Normal Evangélica

Maurice Halbwachs (2003) explica que, para que se constitua uma comunidade de memória ou uma memória coletiva, as memórias individuais necessitam apresentar pontos de contato entre elas; somente assim, as memórias individuais formam a memória de um grupo. Os seis entrevistados que contribuíram para este trabalho com suas reminiscências —Danilo, Helga, Hermedo, Luiz, Magnus e Roswitha— se constituíram, portanto, em uma comunidade de memória. O internato da Escola Normal Evangélica passou a ser o principal ponto de contato entre todas as narrativas.

Com base no entrelaçamento das memórias com os demais documentos, apresentamos as práticas desenvolvidas no internato da Escola Normal Evangélica, bem como as reminiscências que permitem construir determinada cultura escolar que se estabelecia no interior dessa instituição de ensino, entre os anos de 1950 e 1966.



Fotografia 1. A Escola Normal Evangélica em São Leopoldo (1960).

Fonte. Arquivo pessoal das autoras.

É importante enfatizar duas questões sobre a possibilidade de análise das narrativas de memórias. A primeira delas é que toda a análise está permeada pelo conceito escolhido para ser operado nesta pesquisa, que é o de cultura escolar. A segunda questão se refere à possibilidade de análise das memórias. Isso só foi possível porque reconhecemos as memórias desses sujeitos como uma reconstrução do seu passado a partir de fragmentos de memória, vislumbrando-os como representação desse passado vivido e experienciado no internato e no espaço que circundava a ENE.

O acesso como aluno(a) à Escola Normal Evangélica se dava por meio de um exame de admissão. Esse exame consistia em «[...] uma prova de conhecimentos gerais, de português e de matemática

para conhecer o nível, como vinham muitos alunos» (Wagner, 2017). Danilo recordou-se de que esse exame era aplicado pela escola em duas etapas: a primeira em dezembro, e a segunda no início do ano. Como morava em um município distante, Caemborá, distrito de Nova Palma/RS, e se levava em média dois dias para chegar de ônibus em São Leopoldo, «Aí a opção nossa foi, tanto a do meu irmão como pra mim, foi de fazer apenas a segunda chamada, do início do ano, quer dizer, ou tudo ou nada» (Streck, 2016).

A escola possuía cinco séries: a primeira era nomeada pré-normal, turma que correspondia a uma recuperação dos primeiros anos da escola primária; e os quatro anos restantes concerniam ao curso normal. O exame de admissão servia também para selecionar os alunos que ingressariam diretamente no primeiro ano do curso normal ou ficariam na turma do pré-normal, para reforçar as matérias do primário.

Helga, assim como Hermedo, não necessitou realizar o exame de admissão na ENE, uma vez que já havia feito uma prova para ingressar no curso ginásial de outra instituição, na qual também estudava em regime de internato. Entretanto, ela explicou como recordava serem essas provas:

Esses exames de admissão era um exame, assim, do MEC, era baseado com uns conhecimentos lá do Rio. Eu me lembro quando eu fiz o exame de admissão, e aí as coisas não batiam o currículo, até a linguagem eu lembro, assim, que a nossa redação era pra você descrever um quadro que eram «os folguedos», eram

uns meninos empinando pipa, aí todo mundo falou sobre as pipas, e na verdade eram os folguedos, né? Nem sabíamos nós o que era folguedos! Aí a gente achou que eram os meninos empinando pipa, então todo mundo na verdade fugiu do tema (Porcher, 2017).

Ainda quanto ao exame de admissão, Roswitha narrou sobre o sentimento de expectativa, dela e de sua família, para receber o retorno da instituição frente à sua avaliação de ingresso na escola: «Aí aquele Estresse, né? Tu faz aquela prova, acho que foi dois dias, ou foi de manhã e de tarde? [...] isso foi bem antes do Natal, logo no começo de dezembro, essa seleção» (Dreher, 2017).

A prática de aplicar o exame de admissão para o acesso de alunos no Curso Normal não era exclusividade somente da Escola Normal Evangélica, uma vez que fazia parte da legislação vigente que regia o ensino secundário do período. O exame de admissão passou a ser aplicado a partir do Decreto-Lei n.º 4.244, de 9 de abril de 1942, que instituiu a Lei Orgânica do Ensino Secundário (Brasil, 1942). A aplicação desse exame para a entrada de alunos no ensino secundário foi extinta com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação n.º 5.692, de 11 de agosto de 1971 (Brasil, 1971). Não somente no Brasil, mas também em escolas normais de Portugal, tal prática também era exercida desde a década de 1940, conforme apontam os estudos desenvolvidos por Mogarro (2008).

O ritmo de uma escola/internato é marcado, dentre outros fatores, pelo tempo, como dizem Fernandes e Mignot (2008), um tempo prescrito, vivido, a ser seguido; um tempo burlado, livre e,

ao mesmo tempo, controlado. E é nesse ritmo, de um tempo diferente do tempo biológico dos alunos, que uma escola em regime de internato funciona, uma vez que cria e estipula atividades as quais, muitas vezes, fogem às de um currículo formal escolar, com a intenção de ocupar seus alunos, procurando não os deixar com grande tempo ocioso no seu dia a dia dentro desse espaço de educação.

Não sendo diferente de outras instituições que funcionam em regime de internato, o dia na ENE iniciava-se cedo, conforme narraram os ex-alunos entrevistados. Hermedo e Roswitha lembram uma prática em comum que realizavam, mesmo não tendo frequentado a instituição no mesmo período: o esporte da manhã. Enquanto, na narrativa de Hermedo, isso era algo desenvolvido por todos os alunos, Roswitha afirmou ser uma prática por escolha de quem quisesse aderir.

Seis horas, seis e pouco, o professor plantão abria a porta do dormitório com um apito e apitava, e todo mundo tinha que saltar da cama, tirar pijama e botar calção; e nós íamos fazer educação física matutina no pátio da escola [...] no inverno e no verão, e o banho de manhã era frio, porque não tinha chuveiro elétrico, pra ter água quente, assim, fim de semana ou nos sábados, a gente se dava ao luxo de tomar um banho quente, tinha uma... Tinha que fazer fogo, uma caldeia, então passava a ter água quente (Wagner, 2017).

⁷ A Rede Sinodal de Educação é o órgão responsável, na IECLB (Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil), pelo setor educacional escolar e

A essa atividade física do início da manhã, Roswitha chamou de *freesport*. Como gostava muito de esporte, ela acordava juntamente com outros colegas às cinco horas da manhã para participar dessa prática. Segundo ela, essa atividade envolvia desde quilômetros de corrida na Rodovia BR-116 até outras atividades esportivas na quadra da escola, como basquete e vôlei, e isso ocorria tanto no inverno como no verão (Hermedo afirmou o mesmo). Segundo Roswitha, essa atividade era prática da escola, mas não fazia parte do currículo oficial; por isso, ocorria na madrugada, porque todos os alunos deveriam estar prontos às 07h45min para o café, servido no refeitório.

Helga, com relação a essa prática matutina, afirmou: «Freesport, eu não participava não, porque acordar cedo pra mim sempre foi uma dificuldade» (Porcher, 2017). Corroborando a fala da amiga, Roswitha complementa: «A Helga ficava no último minuto, tinha que ficar puxando as cobertas. Eu me lembro quando a gente dormiu juntas no último ano do internato» (Dreher, 2017).

Magnus afirmou que havia uma diversidade de atividades na escola e que cultivar o esporte era uma das práticas da ENE. Os intercâmbios com outras instituições da Rede Sinodal⁷ nas Olimpíadas Sinodais, atividade ainda recorrente nas escolas que pertencem a essa rede, também foram mencionados por Roswitha:

universitário, prestando serviço às escolas vinculadas a Comunidades ou Paróquias Evangélicas.

Eu fazia atletismo, vôlei e corrida; bom, a corrida estava dentro do atletismo, então eu passava as tardes nas atividades esportivas [...] Muitos intercâmbios de futebol, muitas olimpíadas, porque a Rede Sinodal faz olimpíadas; participei de muitas olimpíadas, muita, muita coisa (Dreher, 2017).

Assim como a prática esportiva, o incentivo da escola aos alunos para a prática artística foi constantemente mencionado pelos entrevistados. Dentre as atividades que envolviam as artes, encontravam-se o teatro, as danças folclóricas, o canto e o ensino de instrumentos musicais diversos. Essas atividades eram consideradas extraclasse: ocorriam no turno da tarde, enquanto as disciplinas curriculares ocorriam na parte da manhã, recordam-se alguns alunos. Isso era uma forma de envolver os estudantes durante todo o dia na escola, ou seja, de ocupar o seu tempo na instituição.

A narrativa de Luiz, referente a essa prática proposta pela escola, apresenta sua dedicação à música, em especial ao violino, e sua participação em orquestra. Quando lhe é perguntado se sua formação na música veio por parte da escola, eis que responde: «Eu diria 80 % veio de casa, os outros 20 %, então, foram aperfeiçoados lá no instituto, na Escola Normal na época» (Bencke, 2016).

Além disso, ao recordar-se dos seus momentos enquanto aluno da instituição, a música, o violino e a orquestra envolveram suas lembranças a todo momento naquela tarde da entrevista. Mesmo após sair da escola, Luiz continuou a trilhar o caminho da

música, dividindo sua vida entre a prática musical e a docência de português/alemão. Nesse contexto, cabem as palavras de Bosi quando explica que «[...] a memória das pessoas também dependeria desse longo e amplo processo, pelo qual sempre “fica o que significa”» (1987: 27).

Segundo Naumann (2009), uma atividade realizada já na década de 1930 por alunos e professores do antigo Seminário de Formação de Professores foi colocada novamente em exercício em 1951, um ano após a reabertura da instituição, sob sua direção, na cidade de São Leopoldo: as excursões artísticas, ou, conforme recordou Helga, as *Spielfahrt*.

Essas excursões consistiam em uma saída da escola, de duas a três semanas durante as férias de inverno no mês de julho, para apresentações culturais em comunidades distantes no Rio Grande do Sul. Participavam alunos e professores da ENE que se organizavam e ensaiavam, ao longo do ano, apresentações de danças folclóricas, peças de teatro e músicas do coral, incluindo a participação de alguns instrumentistas da orquestra. Hermedo assim recordou: «A primeira que eu participei foi bem pertinho. Começou na Estância Velha, aqui em Ivoti, depois foi a Nova Petrópolis, dali foi pra Linha Nova. [...] em julho de 1951, ali nós fomos de caminhão de carga aberto, né» (Wagner, 2017).

Luiz descreveu a excursão artística de que participou, já na década de 1960, como um fato *interessante*, afirmando que «[...] até eu teria que anotar isso um dia, o que a gente fazia naquela época» (Bencke, 2016). Contou que foram, nessa ocasião, para municípios da região sul do estado do Rio Grande do Sul: Canguçu, Pelotas,

São Lourenço, dentre outros. Um grupo de nove pessoas participou dessa excursão, deslocando-se em uma Kombi e pernoitando nas casas de famílias das comunidades pelas quais passavam. Helga participou de uma excursão durante seu período de internato, que ocorreu durante as férias de inverno: «[...] tu ia nas comunidades, né, fazia um evento ali para fazer propaganda [...], e a gente apresentava peça de teatro e o coral; nós tínhamos um coral muito bom» (Porcher, 2017).

Naumann (1999) categoriza essas excursões como eventos de grande importância educativa, além de propagandística, para a ENE, assim como apontado também por Helga. Servia como uma forma de desenvolver nos alunos «[...] um espírito de coesão, colaboração e alegre dedicação, mesmo considerando situações de tensão e até pequenas explosões emocionais em virtude do trabalho ser enfrentado ao lado dos demais compromissos diários» (Naumann, 1999: 114).

Alguns alunos explicitaram, em suas memórias, determinados sentimentos que a música e a prática instrumental lhes causavam. Helga, por exemplo, evidenciou que «[...] todos os alunos tinham que aprender pelo menos um instrumento, pra mim foi um sofrimento, né, porque eu não tenho dom nenhum pra isto, mas eu aprendi» (Porcher, 2017). Seu instrumento foi a flauta; ela explicou que, com o tempo, foi se aprimorando —*aprendeu a pau e corda* até a flauta contralto—. Nessa mesma direção, seguiu a narrativa de Danilo: «[...] a gente entrava lá, todos tinham uma vocação pra... Pra músico, né?! Tipo, tinha que ter [...] era muito

incentivado que pelo menos se tocasse algum instrumento, senão... Nem que fosse flauta» (Streck, 2016).

As reminiscências de Magnus também percorreram esse mesmo caminho, destacando esse determinado *dom* que os alunos da ENE deveriam ter para a música:

Havia uma certa pressão sobre aqueles que não eram muito hábeis na música né, essas coisas. Até um dia, um aluno, um ex-aluno, escreveu no Elos, uma revista interna, que isso era uma coisa que não afinava bem. Que nem, as pessoas são diferentes e cada uma tem, cada um tem um dom, tem um dom pra isso (Magnus, 2016).

Chamou-nos a atenção o fato de Hermedo, durante toda sua narrativa, não ter comentado sobre a prática musical e sobre os instrumentos, somente sobre as excursões artísticas. Ao final da entrevista, ele foi questionado sobre a música, e então respondeu que «[...] da música eu não falei muito porque eu não tenho lá muita habilidade musical; se eu aprendi a tocar um pouquinho de violino, se eu aprendi a tocar um pouquinho de harmônio, foi, mais assim, por um processo mecânico!» (Wagner, 2017).

Um sofrimento, uma vocação, tinha que ter, certa pressão e por um processo mecânico são expressões que suscitam possibilidades de reflexão a respeito da música enquanto uma prática pedagógica realizada pelos alunos dessa instituição. Ao mesmo tempo em que era uma atividade prazerosa para alguns deles, que dedicavam seu tempo a ensaios, buscando aprimorar os

conhecimentos e técnicas de seus instrumentos; para outros, isso gerava ansiedade e certa aflição por constatarem sua dificuldade nessa atividade, cuja prática era uma regra da escola.

Nesse sentido, podemos considerar a hipótese de que as práticas desenvolvidas e propostas pelas escolas nem sempre são uma opção de escolha para os alunos, de forma que tais atividades estão passíveis de crítica por parte dos discentes, que podem não as aceitar de forma espontânea. Isso ocorre porque a escola, conforme aponta Escolano Benito, «[...] é uma construção cultural complexa» que está «[...] gestada em um contexto no qual operam intenções que são também culturais, as quais produzem ao mesmo tempo outras modalidades de cultura» (2017: 118). Sendo assim, as atividades realizadas nas instituições educativas fazem parte de um conjunto muito bem elaborado e estruturado, com vistas a moldar e aculturar os sujeitos conforme as suas ideologias e o meio no qual se inserem.

Em relação às meditações, que tinham caráter religioso, alguns alunos recordam-se de tais atividades ocorrerem no início e no término do dia; já outros rememoraram que as meditações ocorriam no início da manhã. Sobre essas recordações, Halbwachs (2003: 69) explica que «[...] cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva»; nesse sentido, os pontos de vista, as narrações e as lembranças apoiam-se a partir do lugar que o sujeito ocupa e das relações que estabelece com o meio em que se encontra. Assim, «[...] não é de se surpreender que nem todos tirem o mesmo partido do instrumento comum» (Halbwachs, 2003: 69).

Segundo os entrevistados, as meditações ocorriam no auditório da escola. Para Luiz, esses momentos foram fundamentais para ajudá-lo a enfrentar a distância da família e amenizar a saudade que tinha de casa nos primeiros tempos de internato. Tornava-se um consolo, para ele, cantar os hinos nessas ocasiões, rememoradas como *uma coisa marcante*, pois «[...] eram hinos lá de casa, que eu cantava em casa com a família, com os pais» (Bencke, 2016).

Os entrevistados recordaram que alunos podiam utilizar esse espaço das meditações para treinarem seus instrumentos, conduzindo os hinos a serem cantados entre uma mensagem e outra que era lida. Mas a regra, apontada por Danilo em sua narrativa, era: «[...] a partir de terceiro ano, tu devia tocar algum hino nesse período de meditação, e aí a gente tremia» (Streck, 2016).

Esses dois trechos das narrativas de Luiz e Danilo apresentam seus sentimentos provocados pela música, quer pelo ouvir e cantar, quer pelo tocar e se apresentar frente a um público. De um lado, evocou-se um sentimento de saudade; de outro, o sentimento de medo e insegurança. Entre uma entrevista e outra, percebemos que os sentimentos e as emoções dos narradores foram sendo despertadas e expressas, seja no olhar marejado, ou no desvio dele; seja na contenção de algumas palavras, ou na própria palavra dita. E é dessa forma que Thompson nos ajuda a entender essas ocorrências, ao afirmar que «[...] a maioria das pessoas conserva algumas lembranças que, quando recuperadas, liberam sentimentos poderosos» (1992: 205).

A prática religiosa na Escola Normal Evangélica era algo coerente, já que seguia os preceitos de uma congregação evangélica que, como tal, tinha seus princípios e valores claros pregados aos alunos. Por esse motivo, muitas das atividades promovidas e desenvolvidas pelos estudantes da ENE estavam regidas, parafraseando Cunha (2008: 144), pelo *ritmo da fé*, envolvendo a igreja luterana e seus ensinamentos nas atividades e práticas cotidianas da escola.

As práticas cotidianas, ou as *maneiras de fazer* (Certeau, 2014), estabelecidas pelos sujeitos envolvidos nesse internato, ajudam a compreender a organização e a constituição desse espaço por meio das representações desse tempo vivido, apresentadas nas narrativas de memórias desses(as) ex-alunos(as) da Escola Normal Evangélica.

Considerações finais

O estudo aqui realizado possibilita uma reflexão que destaca a potência das narrativas memorialísticas para compreender a cultura escolar produzida na Escola Normal Evangélica. Escolano Benito escreve que «[...] a memória não é somente um simples e emotivo exercício nostálgico de lembranças acumuladas e sedimentadas [...] a memória é ao mesmo tempo uma cultura encarnada» (2017: 201). Nesse sentido, entendemos essa cultura encarnada como sendo a forma como esses(as) ex-alunos(as) foram moldados(as) pela escola e subjetivados(as) por ela.

No espaço permitido pelas linhas de um artigo, elegemos problematizar os tempos e os espaços de um internato luterano, refletindo sobre aspectos relacionados, em alguma medida, às especificidades da colonização alemã no Vale do Rio dos Sinos. As dimensões que emergiram em cada narrativa dizem respeito, sobretudo, ao ensino de música, ao incentivo à prática de atividades ao ar livre, à meditação e aos momentos de sociabilidade. Esses aspectos não foram selecionados *a priori* no momento das entrevistas —foram categorias de análise construídas por meio de uma memória coletiva dos alunos que lá estudaram—. Suas memórias, em nosso entendimento, foram consolidadas conforme eles se apropriaram desses ensinamentos adquiridos em sua formação docente, ou seja, de acordo com a cultura escolar por eles interiorizada.

A Escola Normal Evangélica, por ser uma instituição pensada por um grupo de imigrantes alemães, buscou preservar traços da cultura germânica por meio de atividades direcionadas aos seus educandos. Se formos analisar minuciosamente as práticas que neste estudo foram descritas, iremos perceber que há entre elas uma ligação que nos remete aos postulados do educador Pestalozzi (1746-1827). Pode-se entender, portanto, que a organização da rotina desse internato, bem como as atividades que foram nomeadas como *mente e corpo*, *arte e fé*, retratam os ensinamentos de Pestalozzi para a formação humana e para uma educação integral do ser (Incontri, 1997). Retomando seus principais pressupostos, o autor divide o indivíduo a ser educado em três esferas: cabeça, mão e coração. A cabeça seria o intelecto, o

conhecimento dos alunos a partir da aplicação de provas, da aprendizagem de instrumentos, das atividades artísticas; a mão, que representa o trabalho, o corpo, no contexto da ENE, está representada pelas práticas esportivas, pelas atividades físicas e pelo cuidado desse corpo para o labor; e, por fim, o coração, simbolizando a moral, a fé e os bons costumes, é contemplado pelos rituais religiosos realizados diariamente pelo grupo de alunos e professores.

Podemos, assim, considerar que tais práticas fundamentam um conjunto de atividades que foram estrategicamente pensadas e elaboradas pela instituição, no intuito de formar esses alunos não só como bons professores, mas como indivíduos integrais, buscando contemplar, desta forma, um modo de ser determinado por uma sociedade civilizada do período em questão. Assim, essas atividades, hábitos e práticas cotidianas também colaboram com a formação de uma cultura escolar constituída na ENE, juntamente com as demais formas de sistematização, como, por exemplo, a organização do tempo, do espaço e dos estudantes do educandário aqui pesquisado.

Recibido: 7 de enero de 2022.

Aceptado: 30 de mayo de 2022.

Referências bibliográficas

- Amado, J. y Ferreira, M. (orgs.) (1998). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas.
- Amado, J. (1995). “O grande mentiroso: Tradição, Veracidade e Imaginação em História Oral”. Em *História*, São Paulo, número 14, 125-136.
- Arendt, I. (2008). *Educação, religião e identidade étnica: o Allgemeine Lehrerzeitung e a escola evangélica alemã no Rio Grande do Sul*. São Leopoldo/RS: Unisinos; Oikos.
- Bosi, E. (1987). *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Brasil (1942). *Lei Orgânica do Ensino Secundário. Decreto-Lei n.º 4.244 de 09 de abril*. Brasília, DF: Câmara dos Deputados. Disponível em [bit.ly/3Nasy72].
- (1971). *Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Lei n.º 5.692, de 11 de agosto*. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em [bit.ly/3SPRqm4].

Certeau, M. (2014). *A invenção do cotidiano: Artes de fazer*. Petrópolis/RJ: Vozes.

Chartier, R. (1987). *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL.

— (1991). “O mundo como representação”. Em *Estudos Avançados*, São Paulo, volume 11, n. 5, p. 173-191.

Cunha, M. T. (2008). “Preces, cânticos, louvores: um ritmo para a construção do calendário escolar”. Em fernandes, R. y Mignot, A. C. Venancio (orgs.). *O tempo na escola*. Porto: Editora Profedições.

Dreher, M. (2015). *190 Anos de Imigração Alemã no Rio Grande do Sul: esquecimentos e lembranças*. São Leopoldo/RS: Oikos.

Elias, N. (1994). *A Sociedade dos Indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar.

Escolano Benito, A. (2017). *A escola como cultura: experiência, memória e arqueologia*. Campinas, SP: Alínea.

Fernandes, R. e Mignot, A. C. (2008). “Sobre o tempo na escola”. Em Fernandes, R. y Mignot, A. C. (orgs.). *O tempo na escola*. Porto: Profedições.

Foucault, M. (1979). *Microfísica do Poder*. Tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal.

Gonçalves, I. e Faria Filho, L. (2005). “História das culturas e das práticas escolares: perspectivas e desafios teórico-metodológicos”. Em Souza, R. y Voldemarin, V. (orgs.). *A cultura escolar em debate: questões conceituais, metodológicas e desafios para a pesquisa*. Campinas, SP: Autores Associados.

Grazziotin, L. e Almeida, D. (2012). *Romagem do tempo e recantos da memória: reflexões metodológicas sobre História Oral*. São Leopoldo: Oikos.

Halbwachs, M. (2003). *A Memória Coletiva*. São Paulo: Edições Vértice.

Hoppen, A. (s. f.). *Formação de professores Evangélicos no Rio Grande do Sul. I Parte (1909-1939)*. São Leopoldo: Sinodal.

Incontri, D. (1997). *Pestalozzi: educação e ética. Pensamento e ação no magistério*. São Paulo: Scipione.

Kreutz, L. (2004). *Professor Paroquial. Magistério e imigração alemã*. Pelotas: Seiva Publicações.

Mogarro, M. (2008). “Tempo de formação, ritmos da profissão: o tempo nas escolas normais em Portugal”. Em Fernandes, R. e Mignot, A. C. (orgs.). *O tempo na escola*. Porto: Editora Profedições.

Naumann, H. (1999). “Após a guerra: um novo início”. Em Musskopf, E. *Construindo. Formação de Professores Evangélicos no Rio Grande do Sul. II parte (1939-1999)*. São Leopoldo - Ivoti. Novo Hamburgo: Echo.

— (2009). *Se você não assumir... Recordando a caminhada de um professor de professores*. São Leopoldo: Sinodal; Novo Hamburgo: Echo.

Tambara, E. C. (2016). “Cartografia da gênese e consolidação do modelo republicano-castilista de educação primária no Rio Grande do Sul”. Em Grazziotin, L. S. y Almeida, D. B. *Colégios elementares e grupos escolares no Rio Grande do Sul: memórias e cultura escolar, séculos XIX e XX*. São Leopoldo/RS: Oikos.

Thompson, P. (1992). *A Voz do Passado: História Oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Viñao Frago, A. (1995). “História de la Educación y Historia Cultural: Posibilidades, Problemas, Cuestiones”. En *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo.

Witt, M. (2015). *Em busca de um lugar ao sol: estratégias políticas (imigração alemã - Rio Grande do Sul - século XIX)*. São Leopoldo: Oikos.

Entrevistas

Bencke, Luiz Alberto Mário. Entrevista. Ivoti (Rio Grande do Sul), 25 de outubro de 2018.

Dreher, Roswitha. Entrevista. Porto Alegre (Rio Grande do Sul), 02 de fevereiro de 2017.

Magnus. Entrevista. Ivoti (Rio Grande do Sul), 28 de agosto de 2016.

Porcher, Helga Elisabeth. Entrevista. Porto Alegre (Rio Grande do Sul), 20 de outubro de 2017.

Streck, Danilo Romeu. Entrevista. São Leopoldo (Rio Grande do Sul), 01 de dezembro de 2016.

Wagner, Hermedo Egídio. Entrevista. Ivoti (Rio Grande do Sul), 28 de setembro de 2017.